



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

*A Metodologia do Ensino de Leitura no Ensino Médio: um relato de observação*

Analide Minéia da Silva

João Pessoa \_ PB

2017

ANALIDE MINÉIA DA SILVA

A Metodologia do Ensino de Leitura no Ensino Médio: um relato de Observação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba \_ UFPB.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria das Graças de Carvalho Ribeiro

JOÃO PESSOA

2017

ANALIDE MINÉIA DA SILVA

*A metodologia do Ensino de Leitura no ensino Médio: um relato de  
Observação*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba.

Data de Aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria das Graças Carvalho Ribeiro, DLCV/ UFPB  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cristina de Assis, DLCV/ UFPB  
Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria de Fátima Benício de Melo, DLCV/ UFPB  
Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael, DLCV/ UFPB  
Suplente

## Agradecimentos

A Deus, que me ressuscitou da morte, me levantando do leito de uma enfermidade maldita, dando-me uma chance. Obrigada, Deus, te adorarei todos os dias da minha vida, para sempre.

## À Academia

Ao PIBID, por ser a parte mais importante desta graduação. Foi meu aprendizado, inspiração e alimento. Nada foi tão importante em minha formação quanto este Programa. Que dure para sempre!

Às supervisoras do PIBID, na Escola Estadual Olivina Olívia, escola onde atuei como bolsista, professoras, Lucivânia e Suzaneide, obrigada por tudo.

Ao PROMEB, por me proporcionar aprendizado e inspiração para este trabalho. A minha coordenadora do PROMEB, Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Esvael, grata por toda dedicação. Grata a toda coordenação envolvida. Assim como, à escola Celestin Balzac pela carinhosa acolhida.

À Mônica Rafaela, professora querida, que me acolheu e permitiu a realização deste trabalho, sem você nada disso seria possível. Quero muito ser como você quando eu crescer. Sua amizade é um presente, baixinha.

A minha banca, que é formada pelo PIBID. Às queridas Cristina de Assis e Fátima Melo, vocês são pedaços de cada um de nós do PIBID. Todo o trabalho, dedicação e formação dados a cada um de nós foi um gesto de amor. Vocês são seres humanos lindos, incrivelmente humanos e repletos de competência profissional. Grata por cada lição, mas acima de tudo, sou grata a Deus, pelo privilégio de tê-las em minha vida.

A minha orientadora *Maria das Graças*, pelo afeto, cuidado, dedicação, amor, por tudo. Pela primeira oportunidade a mim dada de ser bolsista. Seu nome só podia ser Graça, por ser cheia da graça de Deus. Você é o exemplo de docência mais digno que já conheci. Nosso amor por você é imenso, e o respeito é de todos, de alunos a doutores. É um privilégio ser sua orientanda, uma honra ter seu nome em minha história e formação. Gratidão por toda a vida.

Aos professores doutores: Bernardete Nóbrega, Josete Marinho, Leonor Maia, e Márcio Leitão, por irem além da sala de aula, ajudando sempre no nosso sonho da Graduação, estendendo a mão, mesmo em tempos difíceis e injustificáveis. Obrigada por serem heróis. Vocês são imensos exemplos do que desejo ser.

A Arturo Gouveia, por ser infinito, por não se cansar de me estender a mão. Por ser um oceano de conhecimento, pela humildade e amizade. Por agir como um pai, obrigada gênio.

Ao GEEF, por tudo que me proporcionou.

À Daniela Segabinazi, minha fada da leitura, por me encantar sempre. Por ser maravilhosa, me dando inúmeras oportunidades.

### Aos Meus

Aos meus pais, por me darem a vida; à minha mãe, por me apresentar a leitura muito antes da escola, e por ensinar-me que brinquedos de pobre são livros, e que, sem eles eu nada seria.

A minha médica, Dra. Wanda Rodrigues, por lutar sempre pela minha vida, sem jamais desistir de me fazer viver. Infinito amor e gratidão.

À Débora Lemos, amiga da minha primeira turma, que acompanhou toda minha luta pela vida, e que sempre esteve ao meu lado, se importando e me ajudando. Obrigada.

À Joelma, amiga de turma que sempre me foi fiel e verdadeira, obrigada pelo seu carinho e afeto.

À D. Irinéia, que, desde o princípio, me adotou como filha, e salvou minha vida quando me conseguiu os melhores médicos, sem nunca desistir de mim. A todos os seus feitos pela minha vida, gratidão eterna. Amo a sua família.

À Sayonara Barros, minha amiga – irmã, na vida e na morte, que sempre esteve ao meu lado, de hospital em hospital, e em toda a minha luta, por sobreviver até os dias de hoje. Não caberia aqui a gratidão de tudo que você tem feito por mim. Sem você, eu jamais teria conseguido.

À Severina Figueiredo, por cuidar de mim tanto e tão bem em dias duros e difíceis. Obrigada por orar a Deus e lutar tanto para que eu sobrevivesse. Você é muito, muito mais do que uma mãe, você foi Deus perto de mim. Obrigada, vizinha.

À Nicélia, e toda a sua família, pelo amor, cuidado, e por sempre me proteger de tudo. Sua família é minha família, e eu amo a cada um de vocês.

À Maria da Penha, por me alimentar todos os dias desde que estes ficaram difíceis. Grata por tudo.

À minha tia Edileuza, por ser minha mãe de verdade. Agradecida por estar ao meu lado naquele hospital quando precisei. Grata pelo seu amor sempre.

A Ozenildo Lucena, por não me deixar morrer, nem mesmo quando os médicos disseram que não havia mais o que fazer, nem assim você me deixou partir. Obrigado pela fé em Deus por mim. Por ter sido meu tudo quando eu não tinha nada, nem voz, nem ar, quando não podia de nada me defender. Por todo cuidado e amor concreto naqueles dias de enfermidade (até 2014), obrigada. Grata serei pelo seu amor, para sempre.

Ao meu irmão Jeann Klecyo, por ter surgido do nada quando a corda arrebentou. Por ter me estendido a mão para que eu pudesse, enfim, concluir este curso. Obrigada. Deus te enviou no momento certo. Eu te amo, meu irmão, obrigada por tudo.

À Gizely Araújo, minha cunhada, por todo o amor e cuidado a mim dedicados, dando-me sempre o maior de todos os presentes: a presença de Deus. Obrigada por me amar tanto. Louvo a Deus pela sua vida e por ter alguém tão fiel a Deus perto de mim. Te amo, cunhada!

Às minhas amigas, Ana Paula e Uélida Dantas, que me socorreram em tantos momentos difíceis. Ainda tenho casa, graças ao gesto de vocês. Grata por tudo. Não há como retribuir tamanha solidariedade, nem tanta amizade. À Cristina Rothier e Irany André, por terem me sustentado por tanto tempo para que eu pudesse frequentar as aulas, e também por proverem meu alimento tantas e tantas vezes, pela amizade repleta de amor, meninas, por todo o afeto envolvido, obrigada. Vocês são meus anjos da guarda. Que Deus derrame amor e felicidade sobre vocês, quarteto fantástico. Amo muito vocês!

A minha amiga Sara, pelas aulas infindas de pragmática e pela amizade tão querida. Grata a Deus pelos seus talentos.

Ao meu amigo Wilder Kleber, por todo o seu empenho em oferecer o melhor de si mesmo, e por me ajudar a caminhar para este fim. Você é meu exemplo inspirador, grata, amigo.

A minha amiga e estagiária favorita, Aline Cardoso, por tudo o que você sempre representou ao meu lado em dias de doença, de força e também de alegria. Sou grata a Deus por você ser essa mulher incrível. Quanto mais você vence, mais forças eu tenho. Amo-te, mãe de Marina.

A minha amiga Maria do Nascimento, pela amizade verdadeira, cumplicidade e por seu agir junto a Deus sobre minha vida. Você é uma pérola divina em meu caminho. Louvo a Deus pela sua vida. Te amo, baixinha!

À Nanda, minha amiga e também irmã, na fome, miséria, necessidade, que tanto tem feito pela minha vida. Faltam-me palavras para lhe agradecer.... amizade, fidelidade, gentileza, alimento, passes infinitos, cafés, xerox, enfim, ... obrigada por me acolher no PIBID, por fazer dele a minha casa, por trazer para a minha vida, Graça, Arturo, e um mundo de oportunidades. Eu te amo, Arturinha! Obrigada por tudo!

A todos aqui citados e outros tantos em meu coração, amo - os infinitamente!

Ao Meu pai,

Amor da minha vida, que me fez princesa. Que me amou incondicionalmente, que me ensinou que eu poderia ser tudo aquilo que eu quisesse desde que eu estudasse. Que saudade, meu pai...

Tenta. Fracassa. Não importa. Tenta outra vez. Fracassa de novo. Fracassa melhor.

(Samuel Beckett)

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo refletir acerca da metodologia do ensino de leitura na sala de aula. Suas concepções a partir dos documentos oficiais, e a reflexão sobre uma aula observada, cuja prática se mostrou positiva, ao nos mostrar que o exercício da leitura precisa de mais espaço na sala de aula, pois, através da interação dos alunos, desenvolvendo o prazer da leitura, percebemos que é possível despertar e desenvolver o hábito leitor. No primeiro momento é possível conquistar o aluno pelo prazer de ler, muito mais do que pelo valor quantitativo de uma atividade. Desse modo, pensamos ser a leitura uma experiência intransferível e que, primeiramente, deve ocorrer como um encontro entre texto e leitor sem qualquer outra interferência, pois é neste encontro que o aluno é seduzido pelo ato de ler. Este exercício pode desenvolver o processo leitor no aluno que, gradativamente, vai se tornando autônomo e crítico acerca de sua formação intelectual e cultural. Acreditamos que esta reflexão é significativa e contributiva para a formação leitora na escola. Utilizamos neste trabalho como fundamentação teórica Antunes (2003), a Lei de diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os Referenciais (RCEM) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), bem como a transcrição da aula da professora como base para análise. Ao analisar o relato da aula, e o contexto observado durante a prática da professora, percebemos que foi demonstrada a interação dos alunos com a docente e o efetivo exercício da leitura na sala de aula, mostrando que houve realmente uma expressiva melhora quanto ao aproveitamento dos alunos em relação à prática do ato de ler, construindo, assim, para um melhor desempenho no aprendizado desses alunos.

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Relato. Sala de aula.

## *ABSTRACT*

This Project thinks about the lecture methodology in the class. We study the education official documents for to base this academic work. This description classes are based on Antunes (2003), and other official documents, for example, PCNs. LDB, BNCC. We believe that the scholar activities have more results when look for to permit the found with students and the text, or the books. Interactive classes and discussion about the read act. The read experience is not transfer for other people, because is the one moment only the reader, anyone can Will by other people. It is impossible. Each one has your read moment. When the teach knows about this, the tried to take more advantage because the student became very more ale to learn every other subjects. With this experience, we realize that the methodology is positive because the students became able for to learn more than normal class, when there is not activities of the read. So, now, we understand that these results are positives. Our academic work is satisfied with the student's performance.

Keywords: Classes. Description. Observation. Reading. Reader.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
<b>CAPÍTULO 1</b>	
1. O Exercício da Leitura e a Formação Cidadã.....	15
1.1 Sobre a Concepção de Leitura.....	15
1.2 Tipos de Leitura, segundo os Referenciais Curriculares da Paraíba.....	16
1.3 Da Concepção de ser Leitor, segundo os Parâmetros Curriculares.....	18
1.4 O Ensino de Língua e a Formação Cidadã.....	18
<b>CAPÍTULO 2</b>	
2. A Prática da Leitura na Sala de Aula.....	22
2.1 Recursos distribuídos pelo MEC às Escolas.....	25
2.2 Ler primeiro, escrever depois.....	26
2.3 Metodologia.....	27
<b>CAPÍTULO 3</b>	
3. Relato das observações.....	29
3.1 A Análise da Aula.....	30
Considerações Finais.....	38
Referências.....	41
ANEXOS.....	42
APÊNDICES.....	52



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir acerca da metodologia do ensino da leitura na sala de aula do ensino médio, a partir da observação de aulas em uma turma de terceiro ano médio de uma escola pública, dando origem, então, ao relato dessas observações da prática docente.

Em 2014, o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), responsável pelo ingresso oficial às universidades brasileiras, teve como resultado da redação (parte dissertativa da prova, que representa maior peso da nota de aprovação), um número de 529.373<sup>1</sup> (quinhentos e vinte e nove mil, trezentos e setenta e três) notas zero, cujo maior motivo, segundo os corretores, foi a fuga ao tema proposto: *Publicidade infantil em questão no Brasil*.

Ainda que tenham ocorrido erros no processo de correção dos corretores, ou quaisquer outras razões que possam ser aqui expostas, o primordial deste trabalho não é listar culpados, mas de trazer mais uma reflexão sobre o assunto. A questão de um aluno passar, no mínimo, doze anos na escola, e mesmo assim, se mostrar incapaz de escrever um texto que o submeta a um exame, que é a porta para a universidade, chama atenção para refletir sobre que tipo de ensino de língua portuguesa estamos oferecendo aos nossos alunos.

A relevância do nosso trabalho se justifica a partir dos dados acima apresentados, pois, é nosso dever, enquanto pesquisadores, refletir acerca da prática da leitura ou da ausência da mesma quanto ao exercício do ato de ler na formação escolar. Estabelecemos, neste estudo, uma pesquisa qualitativa acerca do objeto estudado: a prática da leitura na sala de aula.

O objetivo geral da nossa pesquisa é refletir acerca da prática do processo de leitura na escola de ensino médio, como se dá e quais são seus pré-requisitos, segundo o que os documentos oficiais nacionais determinam sobre a formação escolar nacional. Como objetivo específico, buscamos relatar uma das maneiras de efetivamente se desenvolver o processo de leitura. Para tanto, sugerimos o

---

<sup>1</sup> <http://www.valor.com.br/brasil/3858704/mais-de-500-mil-alunos-tiram-zero-na-redacao-do-enem>.

nosso relato como proposta de trabalho baseada nas observações do PROMEB (Programa de Melhoria da Educação Básica), Programa que nos capacitou à referida pesquisa, orientada pela coordenadora do Subprojeto Letras – Português, Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliana Esvael.

A Escola onde foi realizada a pesquisa é uma escola Estadual de Ensino Médio, cujo corpo de docentes é, prioritariamente, efetivo, pós-graduado, com vasta experiência dentro da sala de aula. A maioria, inclusive, ensina em mais de uma escola, tanto da rede pública, quanto da rede privada.

O nosso trabalho será dividido em três capítulos: primeiro, o exercício da leitura e a formação cidadã; segundo, a prática da leitura na sala de aula; e o terceiro; um relato de experiência sobre o ensino de língua através do exercício da leitura na sala de aula.

## CAPÍTULO I

### 1. O Exercício da Leitura e a Formação Cidadã

O Ensino de Língua Portuguesa é pautado nos documentos oficiais que ditam as diretrizes sobre a educação e o ensino. É parte do ensino de língua portuguesa desenvolver as capacidades de leitura, escrita, fala e escuta. Cabe também ao ensino da língua a análise linguística.

Neste trabalho, nos deteremos apenas no ensino da Leitura, tema ao qual está limitado o nosso estudo aqui desenvolvido. Segundo as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006, p.18), “[...] as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta”.

A citação acima se refere à necessidade de se desenvolver na sala de aula, habilidades que sejam capazes de tornar os alunos aptos ao exercício da leitura, compreensão, e escrita. De maneira que o aluno leitor se torne capaz de utilizar-se dos seus conhecimentos para agir quanto sujeito em todas as situações, usando para a própria ascensão social o exercício da língua. Conhecendo meios para utilizá-la, desde o conhecimento da norma padrão às demais necessidades em seu meio social.

#### 1.1 Sobre a Concepção de Leitura

Sobre a concepção de leitura, trazemos aqui a reflexão apresentada nas orientações, segundo os Referenciais Curriculares para o Ensino médio da Paraíba:

As reflexões construídas sobre a leitura enfatizam que ler é reescrever o que lemos, descobrindo a relação entre o texto, o seu contexto e o

contexto do leitor. A escola deve preparar o indivíduo “para ler como um escritor e não somente como um leitor” (SAUTCHUK, 2003). Ao ler como um escritor, o educando estará desenvolvendo não apenas as estratégias de leitura, mas também habilitando-se a exercer as mesmas estratégias numa situação de escrita posterior ( RCEMPB, 2003, p. 35-36).

Para esclarecer mais pontos acerca da definição da leitura, trazemos também a contribuição de Antunes, professora que tem vasta formação e experiência no ensino de práticas de leitura:

A leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor. A atividade de leitura completa a atividade da produção da escrita. É, por isso, *uma atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos as interação, atua participativamente, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 67).

É importante que no exercício da leitura o aluno seja capaz de compreender e também de construir um pensamento crítico para que a partir deste entendimento seja sujeito em todas as situações. Este desenvolvimento implicará na ascensão social do próprio aluno, de maneira que ele esteja pronto para a escola, para o mercado de trabalho e em todas as situações.

## 1.2 Tipos de Leitura segundo os Referenciais Curriculares da Paraíba

Cada estado da Federação possui seu documento de proposta dentro da proposta nacional. Desta forma, os Referenciais da Paraíba possuem algumas definições e propostas de leitura. Compreendendo que há diversos tipos de leitura, a proposta de definir e especificar alguns dos tipos existentes tem por objetivo mostrar ao professor maneiras diferentes sobre as quais ele pode abordar o exercício da leitura, contribuindo, assim, para sua prática na sala de aula. Vejamos

alguns tipos trazidos pelos Referenciais Paraibanos de Língua Portuguesa. São eles:

a) **Leitura Autônoma:** é aquela que o educando pode ler, de preferência silenciosamente, textos sobre os quais tenha proficiência e que desenvolva a confiança do leitor;

b) **Leitura Colaborativa:** é aquela que é feita coletivamente e mediada pelo professor, pois os textos geralmente se distanciam do nível de autonomia dos educandos. Tem por objetivos recuperar o contexto, explorar estratégias de compreensão, textualidade, recursos linguísticos, e aspectos enunciativos.

c) **Leitura Programada:** é aquela em que se programa uma situação específica para se discutir um texto considerado difícil. O professor pode dividir a obra em partes para que seja discutida em temas sequenciados aula a aula.

d) **Leitura Espontânea:** é aquela em que uma situação didática proposta com regularidade, adequada para desenvolver o comportamento do leitor assíduo. O objetivo explícito é a leitura em si, como criação de oportunidade para constituição de padrões de gosto pessoal.

As orientações curriculares apresentam os tipos de leitura acima a fim de auxiliar o professor no planejamento de suas atividades, assim é possível compreender que há diversas maneiras de diversificar o aprendizado da leitura.

### 1.3 Da concepção de ser leitor segundo os Parâmetros Curriculares:

Compreendemos que a leitura é um conjunto de competências. De maneira que se faz necessária uma série de atitudes praticadas por tempo permanente que seja capaz de oferecer o resultado que buscamos: uma sociedade leitora. Trazemos aqui a definição do que é ser leitor de acordo com os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio.

Ser leitor, no sentido literal da palavra, pressupõe uma série de domínios: do domínio (verbal ou não) e suas convenções, dos mecanismos de articulação que constituem o todo significativo, do contexto em que se insere esse todo. A competência de ler e interpretar pode desenvolver-se com atividades relacionadas a antecipação e inferência, título e índices, elementos da narrativa, efeitos de sentido, autoria: escolhas e estilo (PCN+, 2002, p.59).

A construção do leitor vai além da sala de aula, haja vista a própria determinação dos PCNs. Sabemos que, sendo a leitura um processo de vida, não é algo que ocorre da noite para o dia; porém, se não dermos um primeiro passo, isso jamais se concretizará. É importante que a escola pense no exercício da leitura como um processo de totalidade, que faça com que o aluno saiba usar esse aprendizado também quando está fora da escola.

Os últimos resultados da educação apresentados mais adiante nos mostram que, apesar dos vários anos na escola, os alunos, em sua maioria, saem da vida escolar ainda não despertados para a leitura, como se ainda não tivessem experimentado o prazer de ler.

Acreditamos na importância de refletir sobre a necessidade de contribuirmos para que possamos modificar esta realidade. Por esta razão pensamos que, o quadro educacional das escolas brasileiras, em sua maioria, pede uma modificação urgente. Se em toda a vida escolar conseguirmos despertar no aluno, o interesse pela leitura, certamente já teremos contribuído.

#### 1.4 O Ensino de Língua e Formação Cidadã

O analfabetismo no Brasil, ao contrário do que muitos pensam, não é um mero efeito de um país pobre ou de uma nação cujo desenvolvimento foi estagnado. O fato de existirem milhares de analfabetos no Brasil, infelizmente, já se tornou uma política de governo, o que favorece a má distribuição de renda e ao silêncio daqueles que não sabem como reclamar os seus direitos.

Seja qual for o grau de analfabetismo, se absoluto (total), parcial (cuja leitura é limitada), ou funcional (aquele que lê, porém, além de não efetivar essa

leitura, não faz uso da mesma como prática social), coloca o cidadão em posição de limitação social, de modo que este limite torna-se uma prisão. Não há liberdade onde não existe conhecimento. Os documentos oficiais que tratam da educação deixam claro que:

A educação, dever da família, e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade, e nos ideias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania, e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases, sancionada em 1996, legisla acerca do ensino escolar, da educação básica à educação superior. E não é só essa lei que regulamenta e exige um ensino democrático, capaz de fomentar autonomia e cidadania. Vejamos o que fomentam os PCNs<sup>2</sup> no que diz respeito ao ensino:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mias isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (BRASIL, 1997, p.10).

É preciso compreender que o ensino de língua materna não se define apenas em expor uma demanda de conteúdo. A comunicação humana, assim como a formação intelectual e cidadã, exigem muito mais da língua, também definidas pelos documentos oficiais: a cidadania e a democracia. Afinal, a língua é instrumento de poder. Ratificamos a afirmação acima exposta a partir de mais um trecho do documento oficial:

O Exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática (*que também é um processo de leitura*), as coordenadas espaciais e temporais que organizam a

---

<sup>2</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>

percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte, e das mensagens estéticas, domínios de saber tradicionalmente presentes nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo (BRASIL, 1997, p.24).

Se o ensino deve se pautar para promover a cidadania, apresentamos até aqui quão fundamental é a efetivação do exercício da leitura na formação humana. Também, temos chamado atenção neste estudo para o fato de que isso é regulamentado e exigido pelos documentos oficiais da educação.

Vejamos o que nos afirma a BNCC<sup>3</sup>, quanto à orientação dos termos de ensino de língua portuguesa:

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDB, Lei nº 9.394/96) [...] a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, Ministério da Educação, 2016, p.7).

O que encontramos nos documentos é que a leitura é um direito do aluno, portanto, todos os professores devem trabalhar a leitura, pois todas as ciências são leituras, inclusive a matemática. Afinal, o que é a ciência matemática senão uma leitura bem realizada? Um raciocínio lógico bem articulado. Qualquer processo de raciocínio é também um processo de leitura, são leituras a lógica, a resolução de uma equação, uma questão de física, e até quando observamos uma pessoa percebemos o seu humor ao realizar um processo de leitura.

E ao resolver uma questão de física, como um aluno pode montar uma questão, construir uma fórmula, sem que realize um processo de leitura? Assim sendo, é de fundamental importância que o professor de toda e qualquer disciplina reconheça e pratique a sua responsabilidade em garantir que, em sua sala de aula,

---

<sup>3</sup> Base Nacional Comum Curricular  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

o aluno tenha o direito à oportunidade de experimentar, de ler. Portanto, todas as disciplinas devem promover o exercício da leitura na sala de aula.

Negar ao aluno o direito de ter acesso à leitura, seu exercício e, por consequência, o seu domínio através do auxílio direto ou indireto do professor é uma violência intelectual, por conseguinte, uma violação social. Ao educador não é dado este direito, portanto, tomemos nossa posição social, intelectual e, acima de tudo, profissional.

Assim compreendendo, trataremos a partir de agora acerca da prática do professor na sala de aula, descreveremos como tem sido o exercício docente observado, como ele se dá, sua relevância, e a real importância que estas aulas de língua portuguesa têm dado à leitura. Apresentaremos no próximo capítulo além da fundamentação teórica, práticas que nos levam ao dever de repensar não só a nossa formação docente, mas, sobretudo, o que fazemos dela ao chegarmos à sala de aula.

## CAPÍTULO II

### 2. A Prática da Leitura na Sala de Aula

Após as observações das aulas, depois de ouvir alunos e professores, percebemos que a discussão sobre o ensino de língua portuguesa já dura décadas, então, buscamos em estudos e publicações o que autores e pesquisadores têm escrito sobre o tema.

Concentramo-nos naqueles mais relevantes, os mais citados e reconhecidos por suas produções acadêmicas. É importante afirmar que muita coisa foi melhorada nas últimas décadas, haja vista as políticas de governo, formações continuadas oferecidas aos professores, a mudança que ocorre nos livros de tempos em tempos, a prática docente que alguns fazem questão de melhorar a cada aula, tudo isso foi levado em consideração.

Prova disso são os programas federais implantados para a educação, a Lei de Diretrizes e Bases, os documentos oficiais, e tudo criado para melhorar o ensino no Brasil, sobretudo o ensino de Língua Portuguesa, pois deles dependem todas as outras formações. Vejamos a transcrição de um trecho sobre os PCNs:

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico. O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz, e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos (PCNEM, 1999, p.139).

Conforme apresentamos até aqui, fica evidente que há uma infinda discussão acerca da ineficácia do ensino de língua portuguesa, que documentos oficiais foram criados, a fim de melhorar o aprendizado. A necessidade é afirmada

por docentes, discentes, teóricos, pesquisadores e até pelo público leigo, uma vez que os pais e responsáveis por muitos alunos também não compreendem por que razão um aluno passa em média nove anos na escola (só no nível fundamental), e, ainda assim, sente dificuldades para escrever um texto de estrutura formal, ou norma padrão.

Através dos teóricos aqui citados, e observações das aulas, percebemos que existe uma discussão diferente, em que a escola, de alguma maneira, fala em ensinar diferente, propõe até aulas expositivas, trazendo espaço para a variação linguística, coisa impensável até anos atrás. Discute-se a importância de redigir bem, de reescrever, alguns professores até se utilizam de salas de vídeo, e outras mídias na tentativa de inovar o ensino, a metodologia, e o aprendizado.

A questão que tem nos intrigado é que se, de fato, temos presenciado tentativas, esforços que devem ser reconhecidos, sobretudo as infundadas iniciativas dos professores em se superarem e darem o seu melhor em muitos momentos, inclusive quando eles parecem sobrecarregados, e por vezes doentes, ainda assim eles tentam, todavia, por mais que busquem o resultado não tem sido satisfatório.

Há tempos atrás sabemos que as escolas públicas não dispunham de muitos materiais didáticos, o que dificultava a prática da leitura, sobretudo quando ainda não estava disponível o mundo digital é plenamente possível ler um livro inteiro por um aparelho celular compatível com esses programas.

Aprofundaremos-nos, agora, sobre a discussão sobre o que temos na escola e por que não realizamos, para que possamos, então, compreender as razões pelas quais o ensino de leitura na sala de aula não tem dado certo, ou por que embora existam iniciativas positivas, ainda assim elas têm sido insuficientes.

Sendo também aluna bolsista do PIBID, pude observar durante dois anos, (2015-2017), que, infelizmente as aulas ainda estão pautadas, principalmente, na gramática normativa e na escolarização de literatura, ou seja, apesar dos esforços, investimentos e formações continuadas, o ensino tradicional ainda parece prevalecer.

Seja pela carga horária exaustiva, seja porque o tempo é curto para tanto conteúdo, é difícil mensurar o número de razões pelas quais a leitura é pouco trabalhada na sala de aula. O sistema de aula, criado e dividido por alguns minutos para cada disciplina, não ajuda muito; porém tentaremos apresentar novas metodologias visando amenizar este problema.

Nosso objetivo aqui exposto se constitui de como pesquisadores podem contribuir para a formação humana, cidadã e intelectual, tanto do discente, quanto do docente, pois somos todos sujeitos capazes de transformar o mundo em um lugar melhor e mais humano para se viver.

Observadas as aulas, a fala de alunos e professores, vejamos agora um aporte teórico para compreendermos melhor, porque se torna tão difícil para alguns alunos aprenderem ou dominarem o exercício de redigir, obedecendo à norma padrão da língua escrita.

[...] Ou seja, que o ensino de língua não vai bem já é, cada vez mais, uma constatação do domínio comum. Embora não se possa generalizá-la, já está na boca de muitos a crítica de que a escola não estimula a formação de leitores, não deixa os alunos capazes de ler e entender manuais, relatórios, códigos, instruções, poemas, crônicas, resumos, gráficos, tabelas, artigos, editoriais, e muitos outros materiais escritos. Também não deixa os alunos capazes de produzir por escrito esses materiais. Ou seja, tem “uma pedra no meio do caminho” da aula de português. E a trajetória não se faz... (ANTUNES, p. 15, 2009).

Vejamos também mais uma razão que não só dificulta o aprendizado do aluno, quanto pode levá-lo a evadir-se da escola antes mesmo de completar o ano, sem contar com aqueles alunos que praticamente não conseguem ficar na sala de aula:

Se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos [...] Enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes”. (ANTUNES, p. 17, 2009).

A crítica de Antunes, acerca da prática na aula de língua portuguesa, se dá em relação aos docentes que insistem em ensinar a gramática normativa sem associá-la ao sentido, ao texto e às funções de se dominar modalidades diversas e uma língua, que são várias. Certamente esse método de ensino mais do que

tradicional teve o seu momento e sua importância, e respeitamos isso nesse estudo.

É fundamental dizer que a gramática, seja ela qual for, sempre terá o seu lugar. A questão aqui tratada é que: a) primeiro, este método de ensino não tem mais dado conta da necessidade social quanto ao uso do idioma, seja na sociedade do trabalho, seja nas relações entre as pessoas, uma vez que, apesar da acessibilidade através da tecnologia nos comunicamos cada vez menos; b) segundo, de acordo com as estatísticas apresentadas, temos a partir das orientações dos documentos oficiais, possibilidades novas, diferentes maneiras de propiciar o ensino. Sendo assim por que não tirar proveito do que é melhor no que há de novo? Por que não ensinar a língua portuguesa de maneira mais eficaz e prazerosa?

## 2.1 Recursos distribuídos pelo MEC às Escolas

Quanto ao material didático da escola, o MEC disponibiliza através do PNLEM<sup>4</sup> (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio), e do PNBE<sup>5</sup> (Programa Nacional Biblioteca na Escola) regulados pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), e a partir destes programas o governo federal, por meio do MEC, abastece as escolas com diversos materiais didáticos, literários, audiovisuais, dentre outros, a saber: *Livros didáticos; Acervo literário*<sup>6</sup>; *Dicionários de tipos variados; Revistas e Periódicos de conteúdo específico; Livros*<sup>7</sup> *para professores; Coletâneas; DVDs, audiolivros; Além do acervo literário*<sup>8</sup>,

Se o material chegou às escolas, por que não encontramos, então, práticas de leitura? Se dispomos de material de leitura na escola, por que razão não estamos trabalhando a leitura na sala de aula? O que está faltando?

---

<sup>4</sup> Histórico>file:///C:/Users/princesa/Downloads/evolucao\_pnld\_por\_editora\_2005-2013-v2.pdf

<sup>6</sup> [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro\\_mec\\_final\\_baixa.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf)

<sup>7</sup> Acervo>file:///C:/Users/princesa/Downloads/pnbe\_professor2011\_titulos\_valores\_tiragem.pdf

<sup>8</sup> Acervo

>[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=8850-obraspnbe-pdf&category\\_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8850-obraspnbe-pdf&category_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192)

As observações nos levam a refletir sobre a possibilidade de se trabalhar a leitura anteriormente a qualquer atividade de escrita, pois o processo inverso aponta indícios de que o proveito desta ordem tem se mostrado expressivamente ineficiente nas aulas observadas.

## 2.2 Ler primeiro, escrever depois

Pensamos ser impossível dominar a escrita sem dominar a experiência e processos da leitura. Muitos professores não observaram ainda que alguns alunos que apresentam extrema dificuldade no aprendizado de matemática, ou física, por exemplo, na verdade, não conseguem aprender porque não puderam ainda dominar a leitura cognitiva, ou seja, não realizam a leitura do raciocínio, tão fundamental à matemática, provando que a leitura precede a escrita, e os cálculos matemáticos exigem um domínio da leitura, para que, a partir disso, se compreenda o uso das fórmulas, processos lógicos e afins.

Há uma excessiva preocupação com a escrita dos alunos, e isto está presente na maioria das aulas observadas. A aula geralmente é iniciada com a ideia de importância da leitura, mas antes mesmo que ela se realize, tão logo, se debruçam sobre a escrita. Mais uma vez a leitura perde seu espaço, e o preenchem com redação, escrita, reescrita, mas é muito ausente o espaço para o exercício e ato de ler.

Toda pessoa é dotada de um processo cognitivo, e o funcionamento do cérebro, assim como da mente, segue um sistema. Primeiro, se lê e só depois se escreve. É preciso que um conteúdo transborde da mente, para que só depois, ou seja, um processo posterior ao processo de leitura (que não é curto nem instantâneo) é que a escrita vai acontecer.

O leitor precisa de uma série de competências para conseguir relacionar seu passado, sua extensão de memória acerca do assunto, mais reflexão sobre o momento atual que vive e o que seu conhecimento de mundo somar à relação feita com sua leitura. Tudo isso para começar a formar opiniões, construções de argumentos que aos poucos, vão ganhando autenticidade, liberdade, e identidade. Sem isso, não existe construção de texto.

Ler enquanto experiência, enquanto primeiro encontro com a Obra, ou o texto, seja ele qual for, a experiência livre e sem intervenções, aquele momento dedicado ao deixar acontecer por si só, o leitor e o livro, ou o texto. Segundo Oliveira (2010, p. 175-176),

Não raramente, quando os alunos dizem que não gostaram de uma obra, o que acontece é que não a entenderam, e por isso, não gostaram. Fica claro o papel crucial do professor: ajudar seus alunos na leitura de uma obra que provavelmente apresentará dificuldades, caso você considere realmente importante que eles leiam a obra. Aliás, encontrar dificuldades na leitura não é um problema em si mesmo. Isso é até bom, porque força o aluno a encontrar meios de superá-las sozinho.

É importante respeitar e desenvolver o adequado funcionamento cognitivo de cada um. Ler primeiro, escrever depois. Entre eles ainda há a discussão, o debate, as releituras, os objetivos do que se vai dizer, as razões pelas quais todo o processo de escrita se inicia. Só depois finalmente ele estará pronto para utilizar - se tranquilamente da escrita.

A seguir, apresentaremos então, um relato de experiência que privilegia o estímulo da leitura como experiência, e não apenas como atividade da escola.

### 2.3 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho se deu de maneira quantitativa e também de maneira qualitativa. Primeiro colhemos os dados assistindo às aulas, gravando-as, transcrevendo-as, observando o comportamento da professora colaboradora e de seus alunos, tornando possível assim o desenvolvimento do aprendizado da turma de terceiro ano médio.

Realizada a gravação de duas aulas escolhidas, fizemos a transcrição das mesmas, e anotamos o que consideramos relevante em nossa observação. A partir disso nos concentramos na interação dos alunos e nas estratégias utilizadas pela professora para que os alunos se concentrassem e participassem das aulas.

Por tratar-se de leitura de texto e discussão sobre os aspectos levantados pelos próprios alunos, foi possível observar uma interação intensa entre alunos-

texto-professor, pois eles se sentiam à vontade para perguntar e também responder, haja vista o clima da sala de aula ser bem descontraído.

A professora tem a delicadeza de preparar primeiro o ambiente da sala de aula, para só depois iniciar o conteúdo didático, pois ela utiliza até mesmo a fala coloquial dos alunos para dela extrair aprendizado. Desta maneira tornou-se simples a observação dos pontos necessários à nossa observação.

Priorizamos o comportamento e interação aluno-professor. A espontaneidade dos alunos em relação ao texto, as primeiras impressões e o desenvolvimento da aula. O Trabalho da professora se dava simplesmente como uma aula comum em que ela utilizava como material o conto “A Escrava”, de Maria Firmino dos Reis, texto literário de apenas três páginas. Sem necessitar de mais, a professora conduzia o seu trabalho enquanto a observávamos.

## CAPÍTULO III

### 3. Das observações

Apresentaremos este relato de experiência por nos parecer significativa a prática docente utilizada pela professora ministrante da turma de terceiro ano de ensino médio em que atuamos como bolsista do PROMEB. Acreditamos que diante dos resultados positivos obtidos, é importante que este relato faça parte do trabalho.

#### 3.1 Dados sobre o Relato de Experiência

- ✓ *Lugar onde foi realizada a proposta experimentada:* Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Celestin Malzac. Localizada no endereço R. Profa. Maria Zenaide Brasilino, S/N - Valentina de Figueiredo, João Pessoa - PB, 58033-455;
- ✓ Público alvo: turma de terceiro ano médio; 34 alunos, sendo 20 rapazes e 14 moças (adolescentes entre 14 e 17 aos);
- ✓ Professora: Mônica Andrade, graduada no curso de Letras, Português – francês, na UFPB (Universidade Federal da Paraíba). A professora exercia a atividade docente em regime de prestação de serviço, em contrato de emergência, e até então só tinha experiência de ensino na rede privada, atendendo nesta escola a um contrato de emergência;
- ✓ Atividade trabalhada: Leitura, em sua totalidade. Privilegiando a experiência da leitura; Texto: Conto, “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis.

As atividades observadas desenvolveram-se em duas aulas de quarenta e cinco minutos, e a metodologia aplicada foi a leitura individual e coletiva. Leitura e discussão do texto. Discussão oral, sem qualquer atividade escrita. Realizar a leitura e permitir a interação dos alunos sem, necessariamente

intervir, para que os alunos pudessem participar mais do processo de leitura. Não houve aqui nenhuma preocupação com avaliação, pois o propósito é a própria leitura, e nisto consiste o aprendizado.

É interessante que a leitura se dê, ao menos, no primeiro momento, sem apresentações. O objetivo é permitir o contato, a experiência, sem quaisquer pré-conceitos. Ou seja, nenhum conceito anterior sobre a leitura, para que não houvesse interferências entre o encontro texto e leitor, ao menos neste momento.

### 3.1 A ANÁLISE DA AULA

Um detalhe interessante na prática da professora é que, mesmo enquanto ela entra na sala e arruma seu material para a aula, não perde a oportunidade de também ensinar, ou seja, a primeira observação que nos chamou a atenção em sua prática é a quebra de paradigmas. Ela não espera estar à lousa (objeto que praticamente não usa), ou segurando um livro, para poder iniciar a aula.

Enquanto a professora conversa e cumprimenta os alunos, ela tira proveito de cada fala, de cada detalhe. Percebemos que, assim que a professora entra, o aluno pergunta o nome do texto da aula do dia, ou seja, eles já estão acostumados a ler frequentemente, como se já tivesse se tornado um hábito.

A transcrição do diálogo apresentado, a seguir, nos mostra que o clima criado pela professora na sala de aula não é de opressão, de superioridade nem de autoritarismo. Quando a professora entra na sala com o texto, ela sabe exatamente o que trabalhará na sua aula, porém, não deixa de aproveitar tudo que os alunos têm a contribuir, sobretudo o humor, a alegria e espontaneidade deles, entretanto, a alegria e espontaneidade dos alunos não fazem com que a professora perca o foco, e também não impedem que ela estimule os mesmos ao processo de oralidade e também de uso da gramática. Vejamos as transcrições:

#### Trecho 1

*Professora: \_\_ Esse “mas” aí que você falou é com i, ou sem i? Vale um ponto!*

Observe que eles estão em uma conversa informal, a professora está entrando e separando o material para ser distribuído, mas já tornou o clima da aula descontraído, e divertido. Os alunos já estão rindo e sentindo-se mais à vontade para a aula, embora não tenha começado formalmente, ainda assim, a professora já está ensinando.

Trecho 2:

Aluno: *Tá certo sim professora, o jeito que ele explicou.*

Professora: *\_ Tem certeza, Emília?*

Aluna: *\_ Claro, né professora?*

Trecho 3:

Aluna: *\_ A professora tá querendo que você explique, entendeu criatura? Diga aí por que tá certo.*

Observamos que a professora não responde de imediato a nenhuma pergunta. Ela devolve a pergunta, qualquer que seja para os alunos que conversam e se divertem, buscam encontrar uma resposta, enquanto o colega confirma se está correto ou não, e a professora não interfere em nenhuma das respostas enquanto eles constroem seus argumentos. Ela permite que eles construam, respondam, e não se incomoda se eles pensam juntos, conversam ou discutem para se convencerem da resposta. A professora deixa que eles conduzam a aula, de modo que participem, divirtam-se, mas não se dispersem.

## Trecho 4

Aluno 1: \_ *Professora, minha amiga, diga aí o nome do texto.*

Aluno 2: \_ *Alguém grita lá de trás. \_ Meu irmão, deixa de abuso!*

Aluno 1: \_ *Mas ... (pausa irônica) sem i! E esse abuso meu irmão é com s ou com z?*

Vejamos que, espontaneamente, os alunos vão discutindo e aprendendo, primeiro a discussão era sobre, **mas** e **mais**, e agora eles mesmos já começaram outra discussão sobre o emprego do **s** e **z**. Percebemos que a autonomia favorece o aprendizado do aluno.

A professora escolheu um texto para trabalhar na sala de aula, mas não qualquer texto, nem qualquer autor. Um conto, gênero literário, “*A Escrava*”, de *Maria Firmino dos Reis*. Um detalhe interessante, e que vale apenas ser ratificado aqui, é a forma como a professora introduz a turma à leitura do texto.

Obsevamos que, em nenhum momento, ela anuncia o texto que vai trabalhar. Permite que, em um diálogo descontraído, os alunos descubram e neste diálogo, eles realizam até uma aula de gramática, e tudo isso, despretensiosamente, e em um clima descontraído. Outro dado interessante a observar é que a professora também não faz do texto algo inacessível, como às vezes ocorre na sala de aula, falas do tipo “esse é um texto da mais alta literatura, ou este é um texto clássico, importante”. Ela simplesmente insere a turma na leitura.

## Trecho 5:

Aluno 1: \_ *Galera, antes de começar, só quero dizer que o texto de hoje*

*não pode ter um título, então que tal cada um lê e dar o próprio nome pra o texto?*

*Professora\_ Adorei a piada, vamos lá.*

*Aluno 1\_ Então galera, como eu falei é um texto sobre escravidão.*

Observamos que os alunos até brincam, por terem perguntado várias vezes o nome do texto, mas a professora não respondeu. Ela estimulou um diálogo que foi muito mais rico, e eles mesmos discutiram até “gramática” e isso dentro do contexto coloquial, a linguagem na modalidade oral, dentro do universo daqueles alunos. O estudante faz uma piada, dizendo que já que o texto não tem “nome”, cada um deve criar um nome para o mesmo. Percebemos que aí a professora permite que eles usem a criatividade, não interrompendo o processo de aprendizado.

Trecho 6:

*Aluno 2\_ É lógico seu burro, só poder ser né? Olha o título. “A escrava”*

*Aluno 1\_ Ah, é mesmo. Ei professora, **que povo da fala bonita!***

Observamos, ainda, que sem que haja a necessidade de a professora explicar que o texto é literário porque possui estrutura peculiar, ou que é um texto de estética diferenciada por ser literatura, sem nada disso, porque no processo de experiência literária, no momento de pré-leitura isto é desnecessário, pois o próprio aluno é capaz de perceber isso sozinho. E este é o momento de ele (o aluno) sozinho ter suas próprias impressões. Assim sendo, ele percebe sozinho que o texto apresenta uma linguagem diferente, singular, que ele nota ser diferente de outras coisas que já leu.

*Outro aluno fala...*

Trecho 7:

Aluno\_ *Meu irmão vocês também não sabem nada. Em que mês estamos?*

Alunos: *\_ Novembro.*

Aluno 1: *\_ Ah, tô ligado então. É pra lembrar dos escravos, daquelas paradas todas.*

Aluna 3: *\_ Ah é isso aí! Essa professora é massa! Valeu professora!*

Aluno 1: *\_ É uma viagem esse texto meu irmão...*

Os alunos logo percebem que o texto é sobre a escravidão, porque é exatamente no mês de novembro, em que foi escolhida a data do dia 20<sup>o</sup> para se comemorar o dia da Consciência Negra, para rememorar-se à história de Zumbi dos Palmares, militante que tem um grande histórico de lutas pela sobrevivência negra.

Os alunos, então, agradecem à professora, por trazer à sala de aula um tema tão important, mas isso eles percebem juntos e sem a ajuda da docente. Não há interferência dela no processo de leitura dos alunos, porque ela compreende que a experiência de leitura é, primeiramente individual, e intransferível. Isso implica não interferir, neste momento, ou seja, o primeiro passo, para o processo de leitura, é simplesmente ler. É ter a experiência individual da leitura, e tão somente. Este é o primeiro instante.

---

<sup>9</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/L12519.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/L12519.htm)

Após o diálogo espontâneo entre professora e alunos, é iniciada a leitura e os alunos se oferecem para realizar a leitura em voz alta. Interessante ratificar aqui que os meninos foram mais participativos e mais concentrados. As meninas também participaram, entretanto os meninos participaram mais.

Os alunos realizam uma leitura coletiva, e a professora não interfere na leitura, a menos que eles perguntem algo, ou se dirijam à professora, por alguma razão. Outro ponto interessante, durante a leitura, é que os alunos não apresentam estranhamento acerca do vocabulário do texto, e a professora não faz nenhuma espécie de explicação para justificar a estrutura do mesmo. Ela permite que os alunos, a priori, tenham uma visão própria do texto.

Isso se torna significativo, pois não cria aquele clima didático tradicional do tipo “não se devem ler clássicos no ensino médio, pois o aluno pode ficar traumatizado”. Este é outro ponto muito positivo, pois a professora quebra mais um paradigma, dado que compreende que o aluno, sobretudo o adolescente, é capaz de compreender quaisquer coisas, afinal são seres inteligentes, e isso por si só, já os torna plenamente capazes de compreender. Não subestimar a inteligência dos alunos é fundamental para a autonomia deste aprendizado.

Durante a leitura, alguns alunos fazem perguntas, a professora devolve-as para eles. Se ninguém responder, ela, então, vai buscando elementos que ajudam a encontrar resposta. Ela tem um sistema interessante para explicar qualquer coisa aos alunos: primeiro, usa na sala de aula, o vocabulário dos alunos, sempre tentando falar como eles falam, mas sem perder a oportunidade de explicar como se usa a língua, a linguagem, tanto na oralidade, como na escrita.

Fala da aluna durante a leitura:

Trecho 8:

*Aluna: Professora, aqui onde tem “Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos! ...” (p. 253 do conto), a minha avó fala igualzinho... ela conta umas histórias de gente do interior dela, um monte de mulher que morreu doente e dizia isso igualzinho... gente de muito antigamente, né?*

No trecho acima percebemos que a aluna faz uma relação entre a fala da personagem e a fala de sua avó, uma vez que percebe semelhanças entre ambos os discursos. Imediatamente os alunos começam uma discussão sobre o tempo e naturalmente sem que a professora precise necessariamente intervir os próprios alunos discutem sobre o texto indo além das paredes da sala de aula, ou seja, eles conseguem produzir mais discussões que era esperado pela professora.

Trecho 9:

Professora: *\_ Quem pode responder pessoal?*

Aluno 4: *\_ Claro, né? Porque o povo mais antigo fala diferente, principalmente gente do interior, né? E se isso era no tempo da escravidão, pense aí, quem é que sabia ler? Ainda mais mulher e negra? Tá doido...*

Aluno\_ *Ainda mais escrava, a minha avó não sabe ler e ela também fala bem assim.*

Aluna3\_ *Como é que pode um negro receber dinheiro para prender outro negro, um irmão de sangue professora?*

Aluno\_ *Minha amiga era a época, o cara fazia isso pra sobreviver, tu queria o que? Era melhor vender do que ser vendido, né?*

Aluno: *Tá doido meu irmão, que trairagem.*

Aluna: *Nan, eu mesma num aceito isso não. Tá doido...*

Outro detalhe que também merece ser observado é que a professora não se importa de os alunos sentarem juntos, nem exige que eles sentem-se nas carteiras da frente, ela os deixa à vontade (como pode ser observado nas imagens anexadas a este trabalho). Por ora, ela permanece sentada no birô, outras vezes, ela caminha pela sala, pertinho dos alunos, e eles não parecem incomodados com isso.

Ela usa a linguagem dos alunos. Ao invés de trazê-los para o mundo adulto dela, ela se transporta para o mundo deles e busca explicar dúvidas possíveis, de acordo como universo deles, os games que jogam, as músicas que ouvem, os filmes e seriados a que assistem, enfim, ela vai aonde o aluno está e não abre mão do bom humor, da alegria, mas, ao mesmo tempo, ensina, repreende, mostra, só que eles parecem tão envolvidos com o texto, com a leitura,

que não percebem que ela está ensinando ali, entre um parágrafo e outro, porém só depois que eles leem, e somente quando eles perguntam algo.

Identificamos a prática da cidadania na aula oferecida pela professora, uma vez que é nesse processo de dar voz ao aluno que ele aprende a ter autoconfiança e exerce a palavra, tanto na leitura quanto no argumento quando pergunta ou responde:

A leitura segue na sala de aula da professora e, após a leitura, ela dá continuidade para a próxima etapa. Permite que os alunos discutam o texto, e daí surgem as relações com o que está acontecendo no País, na cidade, no bairro, na TV. Daqui a pouco, estão citando nomes de filmes, pedindo sugestões à professora, enfim, até falta tempo para tantas discussões.

Quando os alunos já leram e tomaram propriedade da leitura, quando eles querem opinar, responder, porque já transborda na mente, conteúdo. Eles se tornam capazes de produzir argumentos, eis o momento, então, quem sabe, promover a iniciação do processo de escrita.

Independentemente do tempo que levarão as aulas que promovam a experiência da leitura, é preciso respeitar o processo da construção de sentido. Não parece coerente mudar a ordem do aprendizado. A parte mais importante do texto é o conteúdo, a contribuição que ele traz. A forma é aprendizado secundário, que deve ser ensinado no momento exato e de maneira adequada.

Mais um paradigma quebrado pela professora observada é o de que os professores, geralmente são mal acostumados e se acomodam com o livro didático. A professora que praticamente não usa a lousa (não usou em nenhuma das aulas a que assistimos), além de não precisar escrever, preservando, assim a saúde (já que muitos professores são acometidos de vários tipos de tendinite), ela também responde aos exercícios, oralmente, com os alunos, no mesmo sistema de discussão e interação com os alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão da nossa observação e análise, percebemos que, quando a leitura é inserida e exercida primeiro é muito mais simples desenvolver a discussão entre os alunos. Isso constrói a autonomia de cada um, dando ao aluno mais confiança, e argumentos para, posteriormente, iniciar quaisquer processos de escrita.

A metodologia apresentada pela professora, usando a oralidade e da prática leitora de cada aluno, na situação em que todos participem da leitura, nos mostrou que, quando o aluno sente que tem o que dizer e por que dizer, o processo de escrita toma sentido, e para o adolescente, tudo aquilo que tem sentido se torna importante. A preocupação geral dos alunos é se tornarem capazes de passar na prova do Enem. A outra grande parte só deseja concluir o ensino médio.

É possível perceber, pela transcrição da aula da professora, que os alunos interagem, participam, e só o fato de eles se interessarem pela leitura prova que os efeitos são positivos.

Percebemos, ainda, que, para alcançar um processo de escrita efetiva dos alunos, não basta ensinar a copiar, nem a escrever por si só. A escrita é um resultado. Portanto é necessário realizar a equação inteira para, só depois, alcançar os resultados, ou seja, é importante desenvolver o ato de ler para só depois iniciar o processo de escrita.

Outro detalhe que pode ter contribuído para um resultado diferente e positivo na metodologia da professora observada é o fato de a mesma ter uma formação recente (2012). Possivelmente sua formação alcançou uma nova visão da aula de Língua Portuguesa que a Academia tem tentado apresentar às escolas, o que não acontecia há tempos anteriores.

Os Programas do PIBID e do PROMEB são propostas que buscam melhorar o aprendizado nas escolas. O resultado de uma sala de aula onde os alunos interagem, participam e se interessam pela leitura já é um ponto positivo em relação às aulas e também uma resposta de um ensino que vem mudando, melhorando.

Certamente libertar-se do ensino tradicional em que a aula de Língua Portuguesa, que há tempos atrás se baseava apenas no ensino de normas gramaticais, e em algumas escolas esse ensino ainda acontece não é um processo simples. Entretanto alternativas que se formam através de Programas como PROMEB e o PIBID são de extrema importância. Ambos os programas buscam levar para a sala de aula das mais variadas disciplinas, alternativas mais proveitosas e prazerosas sobre o ensino. Variadas possibilidades de aprendizado. É ainda em atividade é sem dúvida a parte mais importante da nossa graduação. É atualmente a única atividade acadêmica que realmente nos apresenta o que é ser professor e como fazer para melhorar cada vez mais a prática na sala de aula.

Percebemos também que alguns professores ainda não conseguem se desvincular do modelo tradicional de ensinar gramática e da aula que se resume em copiar no quadro, e às vezes pedir que os alunos copiem o próprio livro didático. Por vezes, o professor recebe o bolsista na sala de aula e deseja que ele mesmo dê aula e cuide de apresentar inovações, pois nem sempre o professor está disposto a criar sempre aulas diferenciadas.

Outros ainda se apresentam dispostos, mas apenas se receberem tudo pronto, pois têm suas razões para justificar a dificuldade em trabalhar a leitura na sala de aula. Enfim, cada um com sua particularidade. O que importa realmente é que possamos sempre contribuir. A aula aqui relatada nos pareceu positiva, e pode ser uma sugestão para quaisquer docentes experimentá-la, ou a partir dela, criar suas alternativas.

Pensamos também que um ponto interessante a se destacar aqui é a necessidade de se utilizar a lousa, não como instrumento de regra, mas para momentos que podem ser necessários como, por exemplo, tirar dúvidas dos alunos sobre sintaxe ou construção de sentenças específicas. Consideramos a lousa um instrumento importante e útil a ser utilizado, quando necessário, não tornando isso, é claro, a retomada do ensino tradicional. Não, de modo algum. Apenas como recurso quando couber, de acordo com a necessidade percebida pelo professor.

A nossa observação e estudo compreende que é importante incentivar os alunos a ler culturas, idiomas, que não nos contenhamos com nada que limite a sua imaginação, sua criatividade e que a arte literária e todas as outras, sobretudo, a arte de aprender, esteja presente em todas as nossas aulas.

Queremos deixar claro que mais do que diretrizes dos Parâmetros curriculares, e mais do que outros documentos oficiais possam dizer sobre a necessidade de promover a leitura enquanto experiência, e não apenas como atividade didática, a descoberta, a experiência individual e intransferível da leitura é um direito e, portanto, cabe a cada um de nós, especialmente os professores, lutar pela sua plenitude.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: *Encontro e Interação*. São Paulo: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_. Lutar com palavras. *Coesão e Coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- \_\_\_\_\_. Território das Palavras. Estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BNCC, Base Nacional Curricular Comum. Disponível em:  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acessado em 15/10/2017.
- CF, Constituição Federal. Disponível em:  
<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> acessado em 1/10/2017.
- KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura. *Teoria e Prática*. Campinas: Pontes, 2013.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luis Carlos Travaglia. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 2012.
- LDB, Lei de Diretrizes e Bases. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) acessado em: 18/10/2010.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas Que Todo professor de português precisa saber. *A teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais, disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> acessado em 15/10/2017.
- PCN, Parâmetros Curriculares de Nível Médio disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> acessado em 15/10/2017.
- REIS, Maria Firmino. A Escrava. Cópia avulsa e sem dados bibliográficos.

## ANEXO I

## Descrição da Aula

A professora entra na sala, cumprimenta os alunos, começa a separar os textos e um garoto pergunta.

Aluno1: *\_ Professora, qual é a leitura de hoje?*

Professora: *\_ Ah, isso é você quem vai me dizer.*

Aluno: *\_ Eu? **Mas** como eu vou saber?*

Professora: *\_ Esse, **mas** aí que você falou é com **i**, ou sem **i**? Vale um ponto!*

Aluno: *\_ Tá professora, aí é sacanagem, né? Eu só perguntei qual ia ser a leitura.*

Professora: *\_ Eu sei, mas se quiser um ponto, a proposta está de pé.*

Aluno1: *\_ Tá, professora, se eu não soubesse isso, tava lascado. É claro que é sem **i**, porque não tá somando nada, entendeu? Se não parece somar aí é sem **i** é tipo o contrário, entendeu?*

Professora: *\_ Vou perguntar a turma: E aí galera, entenderam a explicação do aluno?*

Aluno1: *\_ Essa professora tá zoando geral hoje, nan.*

*Uma aluna entra na conversa...*

Aluna 2: *\_ Tá certo sim professora, o jeito que ele explicou.*

Professora: \_ *Tem certeza, aluna?*

Aluna: \_ *Claro, né professora?*

*Outra aluna completa a frase...*

Aluna 3: \_ *A professora tá querendo que você explique, entendeu criatura? Diga aí por que tá certo.*

Aluna 4: \_ *O Boy já disse minha amiga, se não parece somar é sem o i entendeu? Tipo: seu namorado ficou com aquela boyzinha toda entojada do nono ano, **mas** mesmo assim tu quer ele. Esse **mas** não soma, a não ser pra dizer que tu é uma otária. Aí se tu fala, “meu namorado ficou com aquela bruaca, **mais** ainda ficou com aquela magrela lá do sétimo ano, entendeu? Por que aí você tá somando.*

Aluna 5: \_ *Não coleguinha, pra mim, a segunda opção é “e matei a entojada, **mais** a magrela”, entendeu?*

*Os alunos riem...*

A professora vai de carteira em carteira, entrega o texto e chama a cada um pelo nome. Ao chegar à carteira de Luciano ele pergunta mais uma vez:

Aluno 1: \_ *Professora, minha amiga, diga aí o nome do texto.*

Aluno 2: \_ *Alguém grita lá de trás. \_ Meu irmão, deixa de abuso.*

*Daí o Luciano pergunta...*

Aluno 1: \_ Mas ... *(pausa irônica)* sem *i*, esse abuso meu irmão é com *s* ou com *z*?

*Todo mundo cai na risada. E a professora finalmente responde...*

Professora: \_ *O que foi mesmo que você perguntou, Luciano?*

Aluno 1: \_ *O nome do texto professora.*

Professora: \_ *Nome? Que nome?*

Aluno1: \_ *Ah professora, já sei por que a senhora não respondeu. Essa professora é muito mala. É por que não chama nome, né? Ah, tô ligado, é título!*

Então agora do jeito certo: \_ *Qual é o título professora?*

Professora: \_ *Bom, isso é você quem vai me responder. E não vale ler o título é claro, né Luciano?*

Luciano: \_ *Aí é foda! Né professora? Ops! Desculpa aí, esqueci que não pode falar palavrão.*

Professora: \_ *Começa aluno!*

*A professora senta-se no birô, muito tranquila, e Luciano inicia a leitura...*

Aluno 1: \_ *Galera, antes de começar, só quero dizer que o texto de hoje não pode ter um título, então que tal cada um ler e dar o próprio nome pra o texto?*

Professora: \_ *Adorei a piada, vamos lá.*

Aluno 1: \_ *Então galera, como eu falei é um texto sobre escravidão.*

*Todo mundo caiu na risada...*

Aluno 3: \_ *É lógico seu burro, só poder ser né? Olha o título. “A escrava”*

Aluno 1: \_ *Ah é mesmo. Ei professora, que povo da fala bonita! Nossa! Devia ter participado dessa conversa difícil então.* (a intenção do aluno nesta fala foi dizer que o vocabulário utilizado no texto era muito bonito, pelo uso de palavras “bonitas”, pelo vocabulário considerado difícil).

Aluno 3: \_ *Meu irmão vocês também não sabem nada. Em que mês estamos?*

Alunos: \_ *Novembro.*

Aluno1: \_ *Ah, tô ligado então. É pra lembrar dos escravos, daquelas paradas todas.*

Aluna 4: \_ *Ah é isso aí! Essa professora é massa! Valeu professora!*

Aluno 1: \_ *É uma viagem esse texto meu irmão...*

*A professora abaixa a cabeça e ri, e um dos alunos fala:*

Aluno 5: \_ *Meu irmão... até o sorriso da professora é culto, porque nem tem som.*

*Todo mundo cai na risada...*

Professora: \_ *Vocês me surpreendem, sempre (risos). Tá bom galera, vamos! Começa Luciano!*

*Eles continuam trabalhando o texto...*

*Fala da aluna durante a leitura:*

Aluna 4 : \_ *Professora, aqui onde tem “Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos! ...”(p. 253 do conto), a minha avó fala igualzinho... ela conta umas histórias de gente do interior dela, um monte de mulher que morreu doente e dizia isso igualzinho... gente de muito antigamente né?*

Professora:\_ *Quem pode responder pessoal?*

Aluno 1: *\_ Claro, né? Porque o povo mais antigo fala diferente, principalmente gente do interior, né? E se isso era no tempo da escravidão, pense aí, quem é que sabia ler? Ainda mais mulher e negra? Tá doido...*

Aluno 3: *\_ Ainda mais escrava, a minha avó não sabe ler e ela também fala bem assim.*

Aluna: *\_ Como é que pode um negro receber dinheiro para prender outro negro, um irmão de sangue professora?*

Aluno: *\_ Minha amiga era a época, o cara fazia isso pra sobreviver, tu queria o que? Era melhor vender do que ser vendido, né?*

Aluno: *Tá doido meu irmão, que traiçagem.*

Aluna: *Nan, eu mesma num aceito isso não. Tá doido.*

*A professora entra na conversa...*

Professora: *\_ Ei galera pera aí! Vamos esclarecer as coisas aqui. Uma coisa é o jeito que as pessoas falam, já vimos que cada um tem o próprio jeito de falar, e que nenhum jeito é mais bonito que o outro. Cada um é cada um. Outra coisa é a maneira de escrever, já vimos que há diferentes formas de escrever, por exemplo, quando um escritor escreve um livro, a gente sabe que é uma arte porque já vimos isso, lembram?*

Aluna 4: *\_ A senhora disse outro dia que existe uma licença...é.. não lembro o nome...*

Aluno *\_ Licença poética bicha burra!*

Professora: *\_ Ei, ei, o que conversamos sobre isso? Falamos dos limites e de respeito, lembram?*

Aluno3: *\_ Relaxe professora, aqui isso é intimidade, a gente só escolhamba quem a gente gosta...*

Professora: *eu entendo sim, mas conversamos que mulher não se xinga nem mesmo de brincadeira, afinal o que foi que disse?*

Aluna: *\_ Que no Brasil se mata muita mulher, e que tudo começa com uma brincadeira.*

Professora: *\_Muito bem, e combinamos que se alguém desrespeitar aqui um mosquito que seja, está fora da minha aula, não foi assim?*

Aluno 1 : *\_ Não professora, pelo amor de Deus, se ficar sem aula tem que assistir aula daquele professor, aquele de física que não ensina nada... cala a boca aí boy, oxe, pede logo desculpa a boyzinha e pronto. Vá logo meu amigo!*

Aluno 3: *\_ Desculpa a minha colega.*

Aluna: *\_ Bora meu amigo, leia e deixe de onda.*

Professora: *\_ Qual é o seriado que vocês mais gostam?*

Aluna 3: *Seriado? Game of the Thrones. HUUU, é bom demais professora.*

Professora: *\_ Pode ser um game também.*

Aluno 2: *\_ Oxe professora, a senhora assiste seriado e joga game?*

Aluno 3: *\_ Tá doido... uma mulher que joga game, essa professora é cheia de onda...*

Professora: *\_ Agora lascou, e mulher num joga não é?*

Aluno *\_ kkk, apois é grave viu? Essas daqui só passam batom (Todo mundo cai na risada).*

Professora: *\_ Pelo visto você não sabe nada sobre mulheres, viu? Eu jogo até capoeira, meu filho... cuidado não...*

Aluno 3: *\_ num tô dizendo que essa professora é top!*

Professora: *\_ Gente! Existe game sem regras? No game que vocês jogam, por exemplo, pode o personagem lá escolher as regras? No seriado que vocês assistem o super - herói pode escolher as regras?*

Aluno3: *\_ Não, né professora? Assim não seria um jogo.*

Professora: *\_ Então gente! Todo o mundo é um palco de jogo, a vida é um jogo, e naquele tempo as regras era as da escravidão, dos absurdos, e valia tudo, entendeu? Se hoje as pessoas ainda são cruéis, violentas e não respeitam as minorias, avaliem naquele tempo, gente! Pensem!*

Aluno3 : *\_ Tá doido! Professora, eu conheço mãe que oferece a filha à traficante, e acha que é um bom negócio. Isso nos dias de hoje. Bicho, a pessoa vender a própria filha, é foda. Desculpa aí o palavrão... saiu...*

Professora: *\_ Então, isso é terrível, quem souber de algo assim, precisa denunciar à polícia, mas voltando aqui para o texto, todos conseguiram entender que naquele tempo era assim, e que muita gente morreu lutando para combater a*

*escravidão? Por que dia 20 de novembro comemoramos o dia da consciência negra? Quem sabe?*

*Aluna 3: \_ Por causa do zumbi. Aquele herói dos quilombos.*

*Professora: \_ Isso! Zumbi é uma representação de todo aquele povo. Assim como os heróis de games e seriados representam uma parte do povo, entenderam?*

*E continuaram com o texto...*

*Questiono a professora:*

*Pesquisadora: \_ O que a senhora acha do livro didático?*

*Professora: \_ Temos material. Se temos, devemos usar.*

*Pesquisadora: \_ Percebi que a senhora traz outros textos para a sala de aula.*

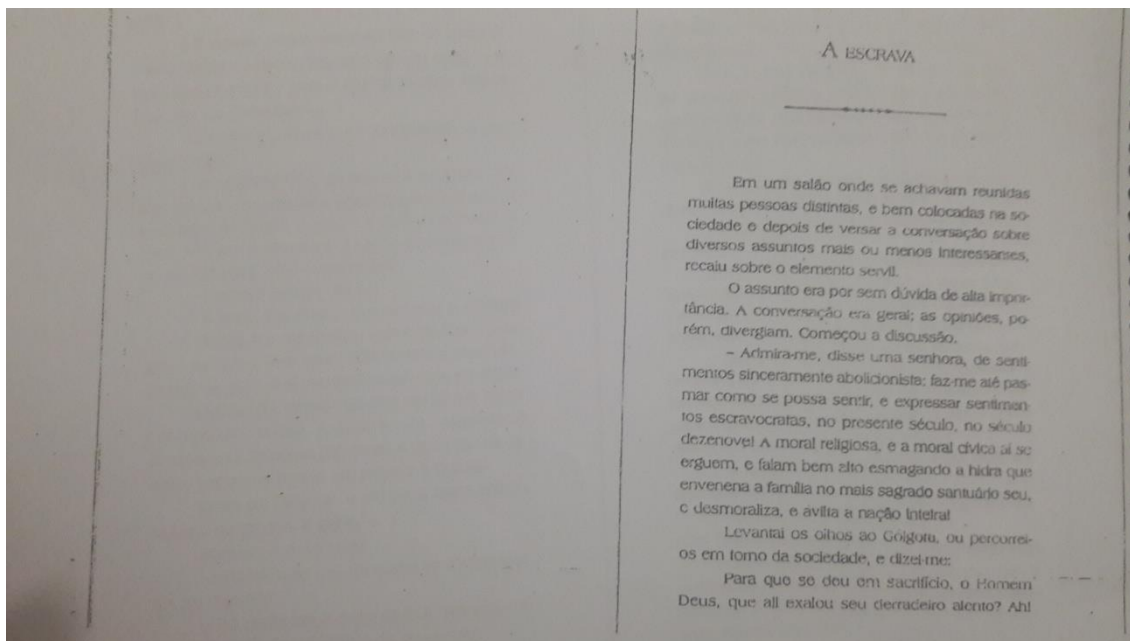
*Professora: \_ Sou professora. E não seria uma se não o fizesse. Você não acha?*

*Pesquisadora: \_ O que eu acho é que quero ser igualzinha a você quando estiver ensinando, e quero ser amada assim também, como eles amam você. Esperam até a última aula, só para não perderem a sua.*

*Professora: \_ É o que dizem...*

## ANEXO II

## Conto “A Escrava” Parte I



## Conto "A Escrava" parte II

- De quem fala ela? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

- É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

- Horror! exclamei com indignação, e dor. Pobre mãe!

- Só lhe resto eu, continuou soluçando - só eu... só eu... Entretanto a enferma pouco, e pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente embora, da natureza, com o extermínio.

- Gabriel? Gabriel - és tu?

- É noite. Eu morro... E o serviço? E o fêtor?

- Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, - tu, e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e dado Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança, e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

- Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

- Há muita alma compassiva, retorqui-lhe, que se condól do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz disjunta.

- Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... Meus pobres filhos!... aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é um escravo!...

E os soluços da mãe, confundiram-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era uma cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata! Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

- Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é pra mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim: creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos.

- E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

- Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajul?

- Não, tomei-lhe com convicção: estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho: não o conheço. É bom que colha algumas informações dele. Gabriel mas dará.

## ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, MÔNICA RAFAELLA GONÇALVES DE ANDRADE, autorizo o uso a minha voz, por meio de gravação, transcrição e minhas imagens para o Programa de melhoria da Educação Básica (PROMEB), com fins acadêmicos, da aluna Analide Minéia da Silva, aluna do 10º período do curso de Letras-Português da UFPB.

---

Mônica Rafaella Gonçalves de Andrade  
*Mônica R G de Andrade*

João Pessoa, 20 de Novembro de 2017

APÊNDICE

